

OFICINA DE POESIA



**PROGRAMA
"POETAS EM RESIDÊNCIA"
DA UC - 2008**

**JOHN TAGGART (EUA)
CRISTINA BABINO (ITÁLIA)**

revista

**Oficina
de
Poesia**

n.º 11
série II

Coimbra
2 0 0 8

Ficha Técnica

Directora	Graça Capinha
Subdirector	Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	aNa B, Cristina Néry, Graça Capinha, Jorge Fragoso, Miguel Monteiro de Sena, Rita Grácio, Teresa Fonseca
Conselho Editorial	Aires Gomes Fernandes, Anselmo Simões, Ana Luísa Carvalho, Bruno Santos, Catarina Costa, Conceição Riachos, Fátima Almeida, Filipe Cravo, Francisca Bicho, João Rasteiro, Licínia Regateiro, Liliana Vasques, Luís Altério, Margarida Amorim, Paulo Pego, Ricarda Melo, Sandra GD, Sandra Guerreiro, Susana Rosa
Colaboração especial	Ana Morais, Cristina Babino, John Taggart, Maria Granado, Darrell Kastin, Pedro Bom, Ricardo Agnes, Rui Tinoco, Sandra Cruz
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Terra Ocre - edições Palimage
Capa	Filipe Cravo
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES - Laboratório Associado – Cento de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Contactos	Palimage Apartado 10032 3031-601 Coimbra Tel. / Fax 239087720 palimage@palimage.pt www.palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	222090/06
Execução Gráfica	Palimage / Artipol



Oficina de Poesia

revista da palavra e da imagem

Palimage
A Imagem e A Palavra

Editorial

Apetece-me dizer que uma revista é como a poesia. Como ela transitória, constantemente renovada e em recorrente encher e esvaziar de nomes e de versos, de poemas e de poetas, e de leitores. A *Oficina de Poesia* pretende, mais uma vez, invocar essa visão com este seu 11.º número. E orgulha-se de trazer multidões de ideias-feitas-coisa/poema que não se acobardam perante as vicissitudes dum agreste panorama poético, mas sim, e como é doce e decoroso, fazem tudo o possível para serem “patetas felizes” porque sabem que “há qualquer coisa de libertador nisso”. E talvez dessa maneira sejamos todos capazes de retocar a poesia com uma outra luz, libertadora, e que nos ilumine o caminho para “uma forma alternativa de [não] pensar”.

Para isso continuamos a contar tanto com as epifanias como com as diatribes poéticas de escritores vindos de vários picos de Portugal, e de outros ainda que, se não portugueses|as, nos honraram por terem partilhado as suas criações connosco, ou espontaneamente, ou devido à sua participação no “Programa de Poetas em Residência” da Universidade de Coimbra que possibilita a presença, em Monsanto, de pessoas como a italiana Cristina Babino, poeta largamente premiada, e John Taggart, reputadíssimo poeta e crítico americano, numa descoberta e (com)partilha deste nosso país. A eles juntam-se exemplos da obra espelhada de Maria Granada, assim como obras de Darrel Kastin e Rui Tinoco, entre outras|os. Mas a *Oficina de Poesia*

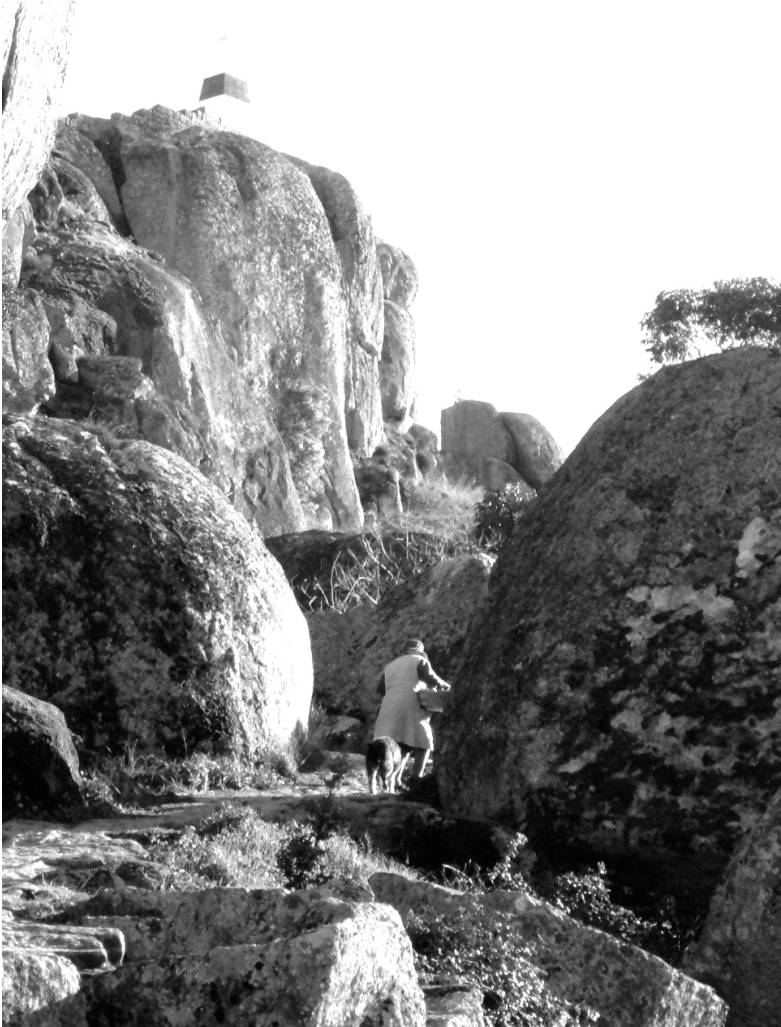
sempre se [in]definiu pelo caminho da expansão da poesia a grupos que fujam aos que comumente se identificam com a poesia mais apregoada; e sempre fez tal através de apostas em jovens poetas rebentos, que cresçam no seu ambiente, como Ricardo Agnes, ou que, como que ao lado de árvores frondosas, floresçam no Curso Livre “Oficina da Poesia” ou na Opção “Poética e Escrita Criativa” (ambos leccionados por Graça Capinha) e, dessa forma, tornem manifestos os esforços rompentes duma parcela da geração nova de poetas portugueses|as. Pertencente à decidida motivação da *Oficina* em tratar não só a poesia mas também a poesia sobre poesia [sobre poesia/sobre po...], presente está também um ensaio poético resultante duma reflexão sobre *Fedro* de Platão gerada numa daquelas aulas.

Revista da Palavra e *da Imagem* apregoamo-nos porém, e não o descuramos. Com o advento já estabelecido da poesia visual nos *media* poéticos nacionais, esforçamo-nos sempre por trazer imagem *a-verbalizada*, fotografia, desenho – neste número encabeçados pela obra da fotógrafa brasileira Sandra Cruz, que esperamos que possibilite um esvaecimento de quaisquer dicotomias de palavra-imagem que possam surgir, matando o adágio combativo de “uma imagem vale mil palavras”. Como disse Andityas Soares de Moura, poeta também brasileiro e também por nós publicado anteriormente, a respeito da obra de Sandra (num contexto bastante diferente mas de cujas palavras me aproprio por deveras aplicáveis): “Há uma certa integridade que as informa e nos incomoda. Nelas, os opostos, ainda que existam, se fundem de modo a impossibilitar uma aproximação objetiva e clara”.

Esperamos tod@s que, como de costume, por meio da colecção compilada, se consiga desvendar, pelo menos, algo de novo. Eis agora que surgem em seguida e abertos a todas as leituras os poemas.

Miguel Monteiro de Sena

Cristina Babino



Monsanto (2)

John Taggart

de **Kitaj**

Angels No. 1

Big wings lots of colors

red blue green yellow a pale purple

iris within the colors

raised "fall" of the iris which is saying it with one flower

saying

she angel

splotches/stains on her angel body

choppy waves around/behind her body terrene and
[marine angel with

one flower eyes

fruit/grapefruit + berry breasts on not level table

[dreaming

John Taggart

de Kitaj

Anjos N.º 1

Grandes asas muitas cores

amarelo verde azul vermelho uma pálida púrpura

íris dentro das cores

elevou a “queda” da íris que o diz com uma flor

a dizer

anjo mulher

borrões/manchas no seu corpo de anjo mulher

ondas revoltas à volta/atrás do seu corpo terreno e

[marinho anjo com

olhos de uma flor só

fruta/toranja + seios baga sobre não mesa nivelada

[a sonhar

parts of her dream being split open unrolled

bulbs neon candle-like red thing

two-in-one thing candle-like and the lit up hectic on
[her cheek

bird in flight in her dream.

partes do seu ser de sonho a abrir-se desenrolaram

coisa vermelha em bolbos de néon como vela

coisa dois-em-um como vela e o iluminado rubor na
[sua face

pássaro em voo no seu sonho.

Also big also lots

red blue green no yellow and mottled “with mottles

rare” mottled

with black

shapes one of the shapes of power big black snake

[him not slim

angel

he angel with an orange ball-peen hammer

head there’s some power for you

one strider leg

also splotches/stains but lighter but ochre kind of

[pink on his angel

leg under the table

Também grande também muito

verde azul vermelho nada de amarelo e malhado “com
[malhas

raras” malhada

com preta

forma uma das formas do poder grande cobra preta
[ele nada fino

anjo

anjo homem com uma pena de martelo redonda e
[alaranjada cabeça

de maço vai que há algum poder para ti

perna de insecto

também borra/mancha apenas mais claro apenas
[uma espécie de cor-de-rosa ocre na sua perna de
anjo debaixo da mesa

he is leaning over her from the other side of the table
[he is

leaning over her dream

eye-patched eye he is listening to “the music” he is

listening to bird in flight the song of

that bird.

ele está inclinado sobre ela do outro lado da mesa
[é ele

inclinado sobre o sonho dela

olho olho-venda ouve “a música” que ele é

ouvindo o pássaro em voo o canto d-

esse pássaro.

She angel dreaming

he angel leaning over her dream

lutes being old

Fender electric bass slight

sustain

on duuum on single duuum duuums

starts up goes down then up again slightly higher
[than the start

slightly sustained does this twice goes on doing it

cloud phases scanty pedal steel underlinings along
[the way

bird in flight music

the music and the words to the music

the words are imploring words imploring where my
[love might be is there

Anjo mulher a sonhar

anjo homem inclinado sobre o sonho dela

velhos os alaúdes

o baixo eléctrico da Fender leve

sustém

o duuum em cada duuum duuums

começa alto desce depois alto outra vez um pouco
[mais que no começo

um pouco sustido faz duas vezes continua a fazê-lo

realces metálicos de nota pedal discreta fases de
[nuvem pelo meio

música de pássaro em voo

a música e as palavras da música

as palavras suplicam as palavras a suplicar onde
[estará o meu amor está ali

someone waiting where and is

there the words go on they don't/won't stop

imploring

if you like adjectives it's "wonderful" and "crazy" and
["sad" finally

let's face it "American"

dreaming

leaning over her dream.

alguém à espera onde e está

ali as palavras seguem não param/não irão parar

de suplicar

se há gosto pelos adjectivos é “maravilhoso” e “louco”
[e “triste” enfim

há que admiti-lo “Americano”

a sonhar

inclinado sobre o sonho dela.

In the real/region of the
possible of possibility and anxiety because
of possibility

hand

in his he angel hand

realm/region of snow in which huddled cattle freeze in
which two travellers may get lost may
lose one another call and call to one another

hand bones connected to arm bones arm in arm one
[long arm

bone

ochre kind of pink all suffused

of feedback

Na região/real do

possível da possibilidade e da ansiedade porque

da possibilidade

a mão

na sua mão de anjo homem

região/reino da neve em que o gado tresmalhado

que dois viajantes podem perder-se podem [gela em

perder-se um ao outro chamar uma e outra vez o outro

ossos da mão ligados aos ossos do braço de braço

[dado um longo braço

osso

espécie de cor-de-rosa ocre todo derramado

de retorno

crackles grainy buzz/fuzz

feedback after there is silence and there is silence

she is dreaming he is leaning/listening she and he
[who are one arm

are ochre kind of pink exploit in the snow.

a estalar pêlos/rumor em veios

retorno depois de haver silêncio e há o silêncio

ela a sonhar que ele está inclinado/a ouvir ela e ele
[que são um braço

são exploração espécie de cor-de-rosa ocre na neve.

Tradução: Graça Capinha

John Taggart

from **There Are Birds**

Cadenza 2

There are birds there is birdsong
unmourning and unmournful in the white light

there are birds there is birdsong
having come through hunger and danger
there is
free song a free weaving of many songs

song against song and other songs in a blending of
waving pitches

there are birds there is birdsong
unmourning and unmournful having come through

light the light like
like love never for sale.

John Taggart

from **There Are Birds**

Cadenza 3

There are birds

there are birds

there are birds

John Taggart

de **There Are Birds**

Cadenza 2

Há os pássaros há o canto dos pássaros
sem pena e sem luto à luz branca

há os pássaros há o canto dos pássaros
chegados da fome e do perigo
há
livre canto uma livre teia de muitos cantos

canto contra canto e outros cantos num misto de
lances em arco

há os pássaros há o canto dos pássaros
sem pena e sem luto chegados

luz tão da luz tão
tão de amor nunca à venda.

Tradução: Graça Capinha

John Taggart

de There Are Birds

Cadenza 3

Há os pássaros

há os pássaros

há os pássaros

Tradução: Graça Capinha



Monsanto (1)

SALMO DI STAGIONE

Salmo di stagione
quotidiana recita
Nostra Signora del crocicchio
tabernacolo voto
fioretto spada
ruota degli orfani
edicola di strada
il vestito di novembre
piange come i vecchi.

SALMO DA ÉPOCA

Salmo da época
diária rēcita
Nossa Senhora da encruzilhada
santuário promessa
espada do sacrificio
roda dos enjeitados
nicho do caminho
a vestimenta de Novembro
chora como os velhos.

Tradução: Alberto Sismondini

L'autunno di Firenze
vuole vesti leggere

vendica
l'uccisione
della mezza stagione

mendica
la quiete dell'Arno
dalle vetrine.

Battello ebro
m'improvviso
saluto l'acqua
e al monte
San Miniato.

Cristina Babino

O outono em Florença
requer vestimentas leves

vinga
o assassínio
da meia estação

implora
o remanso do Arno
a partir das montras.

Barco ébrio
disfarço-me
cumprimento a água
e o monte
de San Miniato.

Tradução: Alberto Sismondini

SACRA FAMIGLIA

Le pareti condivise
come una sventura
abitano stanze

che rinnova il tempo
e la stagione
col lato estivo
del materasso.

Mia madre
medita sulla vita media
d'un ombrello
e d'un marito
e riprende l'abitudine nubile
a una gioventù tardiva
di seni penduli
e vuoti di memoria.

Offesa dalle mie
trasgressioni di bambina

il tatuaggio in regalo
con la gomma da masticare

il rosso smangiato
sulle unghie sporche e brevi

la donna nuda sulla penna
che scompare ricompare
e strizza l'occhio dall'astuccio.

SAGRADA FAMÍLIA

As paredes partilhadas
como uma desventura
habitam quartos

que renova o tempo
e a estação
pelo lado de verão
do colchão

A minha mãe
reflecte sobre a duração média
de um guarda-chuva
e de um marido
e retoma o hábito solteiro
numa juventude tardia
de seios descaídos
e brancas na memória

Ofendida pelas minhas
transgressões de criança

a tatuagem dada de presente
na pastilha elástica

o vermelho roído
nas unhas sujas e rentes

a mulher nua da caneta
que desaparece reaparece
e pisca o olho a partir do estojo.

Tradução: Alberto Sismondini

Ci teneva stretti il vicolo
nell'incastro imbalsamato
dei mattoni
la notte che i gatti
ci sorpresero a pisciare
sui portoni delle case
imprevisti come una visitazione
e contro le ringhiere
in equilibrio
sopra i neon della città
vecchia di ciottoli e viali.

Cristina Babino

O beco comprimia-nos
no encaixe embalsamado
dos tijolos
a noite em que os gatos
nos surpreenderam a mijar
às portas das casas
imprevistos como uma visitação
e contra os balcões
em equilíbrio
acima dos néons da cidade
velha de seixos e alamedas

Tradução: Alberto Sismondini

GOTICA

Mi lasci guardarmi
e mi chiedi se vedo

il viso facciata scolpita
la bocca portale socchiuso

– ho sognato per i miei seni
rotondità di absidi
e gambe pinnacoli svettanti –

mi rincorre la fuga
di una sola navata
transetti le braccia

nel ventre un
vuoto di cattedrale.

GÓTICA

Deixas-me olhar-me
e perguntas-me se vejo

o rosto fachada esculpida
a boca portão entreaberto

– sonhei para os meus seios
rotundidades de absides
e pernas pináculos elevados –

persegue-me o espaço vazio
de uma só nave
transeptos os braços

no ventre um
vácuo de catedral

Tradução: Alberto Sismondini

SANTA MARIA A PIE' DI CHIANTI *

Dita rattappite a corone
di finta madreperla

sul ballatoio in pura pietra vergine
rotola affaticata l'eco
di madrigali domestici

nella zona industriale vespri
di vecchie levate presto la mattina
perché hanno fretta di morire.

* Romanesque Cathedral in Montecosaro
(Macerata, Italia)

SANTA MARIA A PIE' DI CHIANTI *

Dedos agarrados a coroas
de falsa madreperla

na varanda em pura pedra virgem
flui cansado o eco
de madrigais domésticos

na zona industrial vésperas
de velhas levantadas de manhã cedo
pois estão pressurosas de morrer

* Catedral Românica de Montecosaro
(Macerata, Italia)

Tradução: Alberto Sismondini

SCILLA E CARIDDI

Di noi dicono
ogni malvagità

eppure

grande è il nostro ventre
e le nostre calde fauci
dimora inattesa
di sperduti naviganti.

CILA E CARÍBDIS

De nós dizem
todo o mal

contudo

grande é o nosso ventre
e colossais as nossas fauces
morada inesperada
de navegantes perdidos.

Tradução: Alberto Sismondini

Cristina Babino

Siedo con le gambe accavallate
e un libro in mano.
Trasportato da uno spiffero antipatico
l'alito appuntito di novembre
mi schiaffeggia dispettoso sulla nuca.
Mi sussurra
che gli uomini
finché vivono la vita
vivono la morte per procura
e quando muoiono
non resta a chi rimane
che un usato indovinello.

Potenza di un racconto di Buzzati*
in una sala d'aspetto d'ospedale.

* Dino Buzzati, preminent XXth C. Italian writer and novelist.

Cristina Babino

Sento-me com as pernas cruzadas
e um livro na mão.
Levado por uma antipática corrente de ar
o hálito aguçado de Novembro
fustiga-me desagradável a nuca.
Segreda-me
que os homens
até viverem a vida
vivem a morte por procuração
e quando morrerem
não fica a quem fica
senão uma usada adivinha.

Força de um conto de Buzzati*
numa sala de espera de hospital.

* Dino Buzzati, proeminente escritor italiano do séc. XX.

Tradução: Alberto Sismondini

SATURNA

La mia mente
è vuota come
il sedile di fronte
ai matti sul tram.

SATURNA

A minha mente
está vazia como
o banco em frente
dos palermas do eléctrico.

Tradução: Alberto Sismondini

Cristina Babino



Monsanto (3)

Para C.N.

entorpecimento
é uma palavra que expressa o que sentimos
quando o dedo do pé treme
a perna treme
e o coração continua a bater
mesmo sem a mente querer



entorpecimento
é uma palavra feita
estática
de espera

entorpecer
entorpecer

.
. .
.

Maria Granado

Um e-mail rabiscado entre o espaço virtual da ausência.

Uma exclamação. Um pedido.  Isto. Que não  E

fica. Momento. Segredo. Imbróglio nos dedos flectidos. Silêncio nos cabelos profundos. Tacto

na falta. Desespero na  de chegada. Promessa torta. De chocolate. No vidro sujo já vem escrito:

~~PREMEDITADO~~. *Fast food* alquímico da

precipitação. Aconselho  + 

+  +  + , receita  (s), destruo

a constipação **E caio em mim...** Mas agora já é tarde.

Para A.R.P

poesia imperativa **ohlepse on** do leitor

i.

afaste dos meus olhos a bondade

edadnob a sohlo sues sod

otsafa

suspenda no incômodo o medo

odem o odomôcni on odnepsus

des-ritualize a entrega do possível

levíssop od agertne a

ozilautir-sed

e

esqueça da angústia o desejo

ojesed o aitsúgna ad

oçeuqse

ii.

relembre uma canção em cada gesto

otseg adac me oãçnac amu

orbmeler

falsifique de verdades a boa vontade

edatnov aob a sedadrev ed

ocifislaf

ofenda de layout a ausência

aicnêsua a tuoyal ed odnefo

misture agrotóxico e cimento

otnemic e ocixótorga

orutsim

e

tenha no factível, horizonte

etnoziroh, levítcaf on
ohnet

iii.

reduza-se a espreitar pela fechadura da coragem

megaroc ad arudahcef alep
ratierpse a em-ozuder

e

minta sempre que buscar apoio

oiopa racsub que erpmes
otnim

iv.

transforme oponentes em convivas

savivnoc me setnenopo
omrofsnart

e

redistribua sem ao menos perguntar o quê

êuq o ratnugrep sonem ao
mes oubirtsider

v.

dê tempo a seus filhos que não vão nascer

recsan oãv oãn euq sohlif
suem a opmet uod

e

esconda-se de possíveis animosidades

sedadisomina sievíssop ed
em-odnocse

vi.

disfarce um sorriso que não compreende

odneerpmoc oãn euq osirros
mu oçrafsid

e

expulse sonhos do lugar

ragul od sohnos oslupxe

vii.

retenha a palpação da atmosfera

arefsomta ad oãçatiplap a

ohneter

e

grite o grito do flamenco incandescente

etnecsednacni ocnemalf od

otirg o otirg

viii.

desenhe sinais na imensidão

oãdisnemi an sianis ohnesed

e

fuja sempre que quiser ajuda

aduja oreuq euq erpmes ojuf

ix.

não se deixe inflamar por atitudes

sedutita rop ramalfni oxied

em oãñ

e

não perturbe a paz da inquietude

eduteiuqni ad zap a

obrutrep oãñ

pós-regras.

embora, tenha ainda a dizer que não faz bem seguir regras.

.sarger ogis oãñ euq rezid

a adnia ohnet ,arobme

tenho, também, a dizer que sem elas, o mundo é sempre um não-lugar.

.ragul-oãn esse erpmes é
odnum o ,sale mes euq rezid a
,mébmat , ohnet

Assim

escolha no precipício o indigesto

otsegidni o oicípicerp on
ohlocse

e

tenha como alternativa uma forma de não pensar

rasnep oãn ed amrof amu
avitanretla omoc ohnet

nisso tudo que é não-dito

e espreita

o fim último de não se transformar.

Ana Morais



cidade canção

My Pessoa

He is there, alone
Dark, obscure
He appears to be me,
But isn't me
Like some inverse
Or reflection
I don't have confidence
In what he says
Although he knows everything
I know and understand
Sometimes I follow him
But stopping for a moment
I look behind me
And he is there.

Meu Pessoa, Minha Pessoa

Ele está lá, sozinho
Escuro, obscuro.
Ele parece ser eu,
Mas não é,
É como um inverso
Ou uma reflexão
Não tenho confiança
No que ele diz
Embora ele saiba tudo o que
Eu sei e compreendo
Algumas vezes sigo-o
Mas, parando um momento
Olho para trás
E lá está ele.

Tradução: do Autor

Sandra Cruz



máscara

Tens lugar marcado

Vem experimentar esta erva transpirada
de crina azul banhada pelo espelho da noite
e protegida pelo farol listado que faz esquina
com a praça expirada do meu olhar a jogada
do escuro foi deixar-me desorientado mas
eu caí nos nenúfares de baunilha pouco
clássicos que estavam esquecidos lá nos
bastidores do teu arejado camarim sou um
ninho de bolor ancorado pelas pratas do mar
que emprestam ânimo a lua chantageada e
inválida nas artes de palco filetes de expressividade
fizeram do cais imaginário das paredes saturadas
do meu quarto o anel de encontro entre forças
quadriculadas do tempo em que a honra habitava
a terra vem sentar-te aqui ao pé de mim vou
desenhar-te como a segunda pessoa que conheceu
o meu jardim e foi capaz de me ouvir a menos
de dois gumes de impaciência solidária com
o meu desvio à regra – o curso malhado das
telas do Mondrian vem ser diferente comigo.

Auditório

Lacrimante
depois de uma daquelas canções lambuzadas
aspirou o auditório e
lançou-se numa levitação insegura.

O tempo havia extinguido
as horas capazes de conspirar uma vénia
à realização do homem
que agora propagava no ar
a dor do tempo que perdeu.

Não se lembrava de todas as horas,
só daquelas em que hesitou e que não se considerou
capaz.

Nunca fez ideia da face efêmera
que as oportunidades não gostam de mostrar.

Não fazia ideia sequer,

agora,

do nome que a mãe escolheu para si,

naquele que, compreendia então,

havia sido o pior dia da sua vida.

Numa estratégia cobarde

havia saltado do primeiro para o último momento,

como uma criança que escorrega no sofá

quando o filme tem homens maus,

mas no fim se apercebe
que nem sabe se a peça foi boa ou não.
De que esteve à espera estes anos todos?
O tempo que sobra já nem dá para uma resposta.

A atmosfera opaca e soalheira daquela sala

pintava-o com uns dourados fabulosos,
épicos, galardoados de persuasão.
O sangue erguia-se numa tripe de coragem imberbe e
translúcida, fugaz.
Tão fugaz!
Tão receosa que se mudou para outra sala
assim que a luz se acendeu.
O músico também já não estava lá.
Em pouco tempo
os lugares vazios tinham-no rodeado
e uns antigos *swings* de natal
cumpriam alienadamente
a função de música ambiente.

Aquele auditório escrevia um ensaio
um pouco sem assunto
à espera que ele se decidisse
se queria sair pela porta
e experimentar viver um dia diferente
ou se preferia enterrar-se mais um pouco na cadeira.

Sandra Cruz

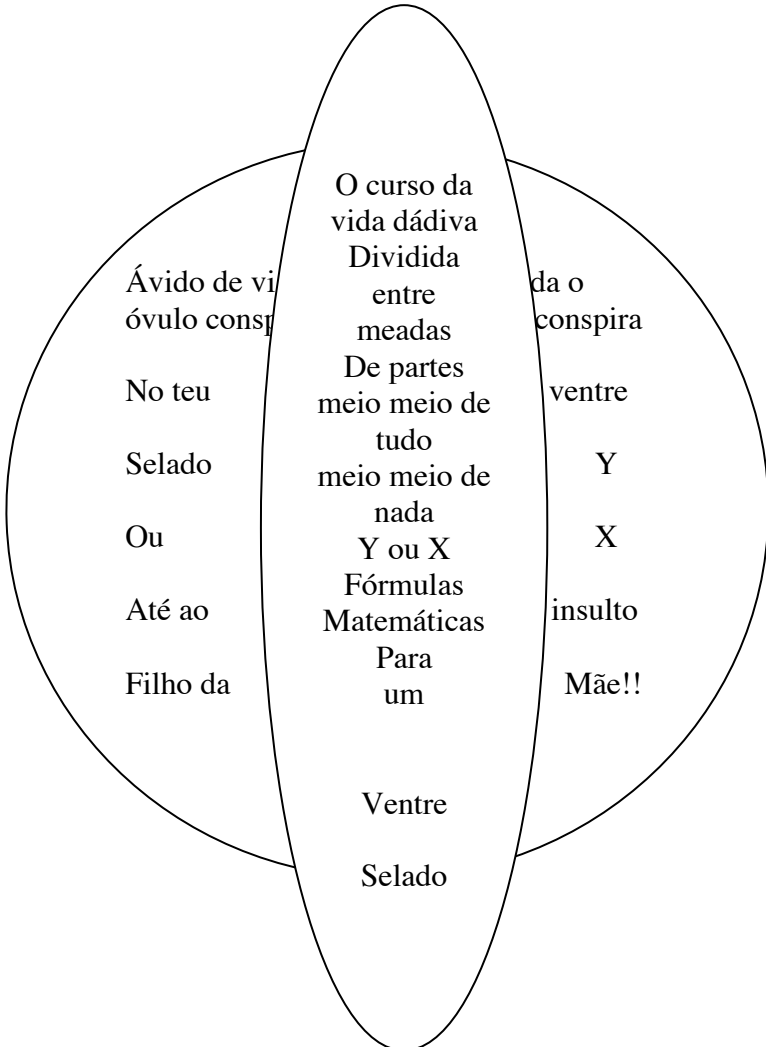


tetosouropreto

A minha escrita fermentou, tenho todos os desejos
pousados sobre a mesa, a vontade doce
do recolhimento em mim próprio, para lá
das emoções, num vago ressentimento
contra o mundo. Quero chegar ao silêncio.
Finalmente. A vida não permite erros:
eu não quis os sentimentos que achei errados,
cantei-me aqui, para quê cantar uma consciência
insignificante?, não importa: cantei-me
aqui, a minha escrita fermentou, é tempo
agora da vindima do esquecimento,
é tempo de deixar esta colheita de melancolia
encher-se de outras memórias.

Crescemos assim: de repente.
De repente tudo o que fizemos fermenta,
somos capazes de nos vermos de outro modo,
mais elevados, conhecedores do secreto local
para onde fluía este verão.
Somos mais sábios para dormir o outono,
para proteger os nossos membros do inverno,
para repetir, até onde pudermos, a história eterna
da ignorância ingênua da primavera,
da maturidade do verão que cai, inesperadamente
desprotegido,
na humidade impassível do húmus.

Filho da Mãe



Turbulência

Turbulento, entre o verde e as peças
Progredindo de letra não dada à lógica
Calcorreando orfanatos de alfa
Betas, com acento de *piercing*
Na face oculta das alamedas
Despidas
da música moribunda do Inverno
que passou na tal gabardina
do Dom qualquer coisa com aroma
a sulfato – azul fato de Dezembro
arrastando a tríade de caniches
por entre outras peças de espécimes
Carnívoros
As camas presas num só lençol
Sorrisos ressequidos em base
Sem copos, laçando olhares
Ilícitos por entre tecidos
Estremecidas as cordas vocais
Desusadas
Sangue suspirando por carne
Caniches suspirando por carne
Alamedas regurgitando carne
Na turbulência dos dias
E da bÍlis da vivência
Por entre olhares
que já se não enternecem

aNa B



screwu

WELCOME TO THE PSEUDOFRUTO

um piano de monções

pelas faces imaginadas

onde o pasto das larvas

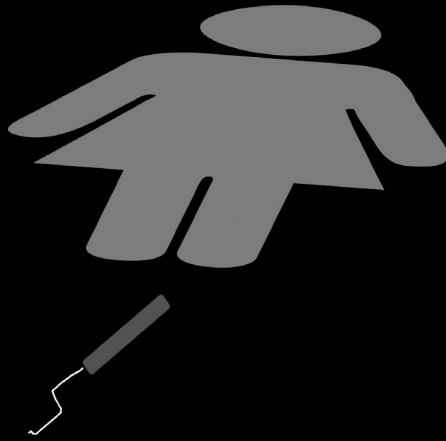
(quase) descansa ao 3º dia



CAUTION:

*a trança da enunciação **

é tão grande como a da albertina



CAUTION:

*o tampão da enunciação **

é tão grande como o da albertina



salvation smaller

Ana Morais



insides (entranhas)

POETA PRECISA-SE

Oferecemos:

- um vasto universo linguístico já bastante usado, mas que pode ser reapropriado e re combinado até à exaustão;
- a ausência do direito a «direitos de autor», dado o material disponível ser pertença da tribo;
- a possibilidade de gerar filhos-texto com qualquer progenitor à escolha, vivo ou morto.

Exigimos:

- conhecimento profundo das técnicas de utilização da linguagem e da arte da mentira;
- capacidade criativa excepcional para substituir a obsoleta linguagem binária instituída;
- prática diária de exercícios de equilíbrio, uma vez que a ponte em que terá que realizar a sua tarefa nem sempre se mantém estável;
- dotes de negociação e bons conhecimentos na esfera celeste;
- loucura q.b. para se aventurar no nível das formas-outras;
- disponibilidade imediata para embarcar rumo a *Non-Sense Island*.

ADVERTÊNCIA

Dado tratar-se de uma ocupação a tempo inteiro, tenha em conta que, caso seja seleccionado, passará à marginalidade.

Por este facto, dar-se-á prioridade a quem consiga subsistir a pão e água e tenha prática em pernoitar em bancos de jardim.

Sandra Cruz



sandálias

Ana Filipa Maia

1.

Bebedeira

(A Baudelaire)

Sentado no parque da cidade, ao alvorecer, Com os
seus olhos grandes e cavilosos, Pensando em como esmoreceram
sonhos promissores E em como os últimos 50 anos correram desgostosos,
Estava um velho embriagado, cantando: “Ah... e mais um gole...
que ainda há mágoas para afogar... e mais outro gole, Que o tempo
passa e continua a pesar!” Aproximei-me e perguntei-lhe: Porque
bebe, meu velho? É ainda cedo. É manhã. Não sabe que horas
são? - E ele, chorando: “Todos deviam beber, que é a única
solução. Bebe também, para que não sintas o peso do
tempo, Que tão grosseiramente nos ova, Nos oprime os
ombros e nos chama para a cova... Para que não te
vejas envelhecer, embebedate!, Com whisky,
música, virtude ou poesia!

Mas embebedate,

Q u e m e

p a r e c e s

d e m a s i a d o

S Õ b r i a !

N ã o v ê s o

t e m p o a

c o r r e r c o m

E u f o r i a ?

S e h á h o r a s

s ã o e n t ã o

h o r a s d e t e

e m b e b e d a r e s

Com whisky, música, virtude ou poesia.”

PAUSAS

A poesia tem entrelinhas e silêncio
Omissa e sucinta
Mesmo quando excessiva e palavrosa

A prosa é explícita e clara
Informativa até se pretende confundir
A prosa não tem forma (Ui!)

As minhas aspirações a poesia partem da prosa
São prosa com parágrafos
Estou aqui para respirar

(no (meu) país há dois países)

no
(meu)
país
há
dois
países

um
senta
se
à mesa
e
come
o
outro

mil versos mil

li mil versos e mil
versos esqueci
e tão vazio cheio que
sempre estive
estou
parto para cada verso
como se fosse o primeiro
como se fosse virgem
a ideia
e a mudança

fiz mil versos e mil
versos desfiz
mil sentidos
mil princípios
mil derivações
mil andamentos
mil carinhos
mil horrores
para aprender que a ponte
já tinha sido idealizada

renovada
prolongada
reparada

projectada
inaugurada
outras mil vezes
como marco de cada presente
em todos os frutos

fiz mil versos mil
versos construí
esta. forma de existir
em cada som
ave de qualquer viagem
e parto por chegar
neste corpo de espumas
por fazer
para fazer em todas
as promessas

fiz mil versos
sem saber se fiz um verso
um verso por dizer
à vida
que a vida é este espaço vivo
a vi ver sempre
num movimento que não acaba
num abraço
num dia feito de amanhãs
e de sóis tranquilos de regresso

Sandra Cruz



sombrárvore

re/trato de uma mesa com artificionais arte/factos nela po/usados.

a máquina veio sobre a floRESTA

Sobre a árvore

VEio sobre O tronco

anulou os VEIOS sobre a tábua

das mãos tolhidas no sangue
de artérias cravadas na terra

sobre a respiração atenta do tronco arquitectural
de respiração dos alvéolos taucardiacos

a máquina composta de células conStru a mesa de sangue,

tecido VIVO

sobre ela tERRAMaram aS gLândulas seus sucos
a laparoscopia CHEGou

sobre a engrenagem das entranhas

gerou-se o celoma

a celeuma a partir da fenda interna a o casco

& foi aí que o apêndice entrou em crise existencial

Bruno Santos

diziam as obreiras que no sentimento
residia a cabaça.

eu acreditava porém
até ver com meus próprios olhos o indizível.

giravam os planetas em órbita fracassada
pelo pedúnculo.

acedia aos termos assediando os pés das termas purificadoras
pelo seu pedúnculo também. regurgitando os frutos.

eu por vezes aparecia em mim
renunciando.

não me lembrava de absolutamente nada:
desconhecia os habitantes dos dias anteriores:
permanecia na surdina pela gentileza com que os dias
penetravam os abismos em silêncios demoradamente exactos.

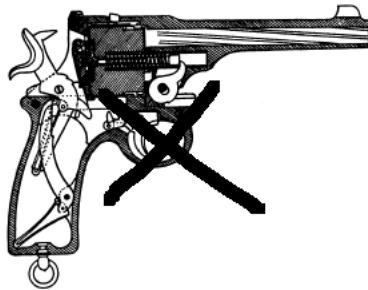
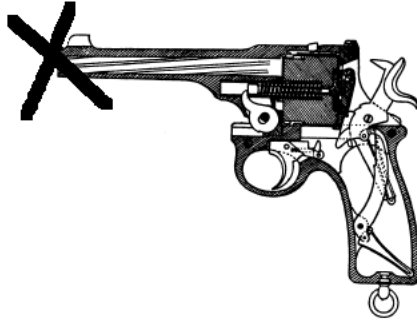
eu
por vezes
dez
aparecia em mim
anunciando qualquer coisa de útil. *in loco*.

os astros invadiam naquela época
a cidade.

.sonhei que vinte enganos ficavam presos na clavícula
da gula
entretanto um pássaro passava correndo
.e assim a serpente incrédula o comera
nessa pose passageira de um barco virando-se

Bruno Santos

lei da bala
Para cada acção



há sempre uma reacção
oposta e de igual intensidade

Bruno B. Soraggi

Equacione o amor e te darei meu lamento
pois deve sofrer de impotência, sífilis ou outro
[tormento

Se, lascivo do mundo, amais sem arte
Lede meus versos, amarei com ela

Cá estou eu, em artilharia antiaérea
A xingar, blasfemar e entortar via-férrea
Ensinar-vos a amar, era o que prometia?
Hahaha, idiotas!

Enganei-vos.

Sou solteiro, pobre e moro com a minha tia.

Bruno B. Soraggi

<http://www.google.com>

P o e s i a s de A m o r

Ai Jesus, que linda esta!

Ctrl+C

Ctrl+V

;) Enviar

S2. Vamos nos conhecer?

À fama, à glória, ao amor

Soy un conquistador.

Catarina Costa

o que não se mete nos sacos
puxados por roldanas

o que não cabe
e não possui
uma segunda vez
nos gomos das vassouras

o que não regressa na fuligem
da lápide

(o mogno que tumesce nas portas
a musselina que rebenta
dentro da roupa
o lazúli do azul
e vice-versa)

onde as roldanas se instituem
para puxar os sacos
varre-se o chão

entre uns e outros
a maquina ao meio
triturou-o sem testemunhas
– ou com testemunhas a mais

entre uns e outros
uma espécie de órbita
para inaudível

vernáculo esgotado
pela multidão

vaticínio que sobra
em tempos sombrios

mas fiel ao perecimento
viu o próprio fim –

cumprir-se uma existência
em que predominou a composição
as várias raias interceptadas

Conceição Riachos

Nas portas
pássaros alternam nuvens
dentro das pálpebras
antes do embarque
regressam
à confluência da paisagem
estátuas inesperadas
dentro da noite

Conceição Riachos

No cansaço das nuvens alicerces
plantando serpentes no cansaço
espasmos no pescoço cercado de musgos
musgos orações rangem grãos velozes
poeira buracos raízes exploram odores
odores poeira águas da noite veludos
veludos guardam sendas
sendas penduradas nos mapas plantando serpentes
serpentes nuvens alicerces do cansaço
e a seda dos olhos
olhos e som cabelos lavados
estátuas braços de seiva talhadas
talhadas tocam serpentes alicerces
alicerces plantando serpentes
sopram limites navios
navios redondos
nas nuvens serpentes
serpentes plantando alicerces
alicerces redondos no cansaço
das nuvens

Cristina Néry

Para a Maria Granado
“uma lua pálida e gerânios”
Adélia Prado

à cabeceira
um alaranjado aro de ferro
a lua pálida e os gerânios desdobram uma igreja
entre o espaço violento da mirra
a porta estreita da nuca como um incrível boi.

os albatrozes que me rompem as gengivas
na corola cerâmica de um andor roxo
se abrir a janela.
as pálpebras e a pedra de sabão
em vagarosa equivalência de linhas
e a lâmina no movimento
rumo aos gomos do piano.

nos lírios azuis as amígdalas em eixo
têm acesso a um coral espiralado
e ao bolinar de uma única túnica.

na noite inclinada
entre o músculo aberto de uma magnólia
penduro os pulmões e aperto um dia de Verão
e a combustão dos cotovelos
é uma serpente de ouro
e uma cassiopeia perfurada
pela temperatura quadrúpede
de um insecto.

*(. celebrou a incursão pela Insónia
e a turbulência mínima das minhas sandálias
baixas.)*

Cristina Néry

a primeira gaivota arpoa um sopro pulmonar
entre

·
·
·
·

um crispado sistema de astros
e numa cerejeira azul circulam búfalos
e um acrobata de argola junto ao pescoço
transporta lamparinas opacas
enquanto golpeia uma clarabóia.

e o rigor gotejante é um respiradouro epidérmico
um conjunto de leques
a toda a largura das gengivas.

há uma permanente jangada entre as roldanas
e o vento é a polpa ininterrupta das escrituras
como se de baluartes fosse a minha língua.

Sandra Cruz



luzes janela

– O que deseja?

– Coisas Simples.

Pernas. Braços. Cruzados. Mares entre duas luas. Vestes e peles nuas como quem canta no vento. Pequenas tortas de jasmim enquanto quebro as tuas mãos de mim. Ossos pesados atrás das memórias e lábios depois do sol enquanto rias. Pouco tempo para pensar e arte sem destino. Chorar enquanto a rua toca um sino. A morte. O céu escuro e abraços quebrados como pés sem rastos que deixam sonhos desenhados.

Fátima Almeida

Não acredito na voz a desfazer-se em pó
Na terra impaciente como páginas infindáveis
Que o diverso é meu porque nada é impossível
São simples as nuvens sem céu que imagino
Chegadas aqui ainda hoje pelos olhos cansados
Em cor de sombras por sons de rua vazios
Que me atiram ao passeio onde faltam pedras
Como pés descalços com destino
Virei a desaprender os sinais e os beijos
Pela surpresa de sinónimo infantil
A que obriga o que me apetece como penso ser
Assim a ralar e noutra ponta a sonhar
Como se tudo fosse vontade de dormir sem sono
E nada traz inteira a vida que vi da alma ao corpo
Inteiros por não haver peças que se desmontam
Por não haver magia real
E só quando cessar finge o gozo de estar lúcido
E acredita, íntimo, em tudo por ninguém.

Francisca Bicho

e depois as larvas a consumirem-me a carne
a dilacerarem-me,
a escavarem túneis subterrâneos entre os meus dedos
dos pés
subindo aos tornozelos, aos joelhos, às coxas
procurando um rasto de luz, uma clarividência de dia
para se transformarem em borboletas.

poema à infelicidade no mundo

“Choveu palhaços toda a noite!” dizia a mulher da rádio, enquanto eu conduzia em s. “Na costa norte houve mesmo aguaceiro ininterrupto, enquanto que no resto do país e ilhas a chuva fora moderada, porém os estragos já se revelaram um pouco por todo o lado. Várias clarabóias partidas por palhaços e seus monociclos, vários campos hortícolas em risco devido ao esborrachamento dos tomates e abóboras pelos seus cães míopes e malas de cabedal remendadas. Há também um depoimento de um dono de uma feira popular queixando-se de um aguaceiro muito forte de palhaços tristes na sua feira o que lhe espantava a clientela. A meteorologia anda de tal forma instável que se planeia cobrir com megalómanas cúpulas as principais cidades onde vivem as principais pessoas, temendo que qualquer dia haja uma chuva de picaretas”. A noite voltava a aproximar-se e nos passeios empilhavam-se palhaços e lambretas que entupiam as estradas e o trânsito. Nas estradas apenas deixavam as flores. Conduzia sobre um cemitério de flores. Amarelas, grande parte. Vi pelo retrovisor um rapaz agarrar um grande molho e fugir por um beco. Aproximei-me do meu prédio. A vizinha do 5º E praguejava e dizia que o mais gordo de todos tinha aterrado no seu tejadilho. O meu velho avô rezava junto à imagem da virgem implorando que parasse com a praga, enquanto que a minha avó se protegia contra a praga de rãs que viria a seguir (há muito que perdera a fé). Peguei na vassoura e fui varrer o pátio. O dia não era mais dia e para sempre ficou lembrado como o dia mais triste da história. O dia em que toda a felicidade do mundo rastejou.

Tenho as botas cheias de escamas e gordura
Só as folhas lhes pegam.

Por um lado é bom
Há sempre onde escrever.

DESCARRILAMENTO

Atenção senhores imitadores

Vai partir da linha do costume

O comboio com destino à fama

TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA

CABUUUUUUUUUUUUUUUUUUUM

O descarrilamento

Senhores críticos

Assistam ao caos

Já era previsível

São linhas velhas

TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA

A automotora expressionista

Arrancou a todo o vapor

Da estação de vanguarda

TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA TUCA

(...)

BLOCO DOS SONHOS

No bloco dos sonhos que guardo debaixo da almofada
Tenho escrita *viagem*
Na página dedicada ao dia dez

Na página dedicada às viagens escrevi
Kerouac
É verde

Dia dez, viagem, é verde

Os lençóis têm inúmeros riscos
De canetas de filtro coloridas

São lençóis coloridos

Há riscos que me trazem memórias
Os de coca

Dia, dez, viagem, é verde, de coca

Cocas, o sapo,
A saltar de bar em bar
de copo em copo
de garrafa em garrafa

O *freak* do jornalismo

O cronista cativante

O orador mais eficaz

Um Miguel Esteves Cardoso em versão animada

O sonho comum
Perverter todas as formas

No bloco dos sonhos que guardo debaixo da almofada
Tenho escritas várias crónicas de sonho
Prontas a editar

Pedro Bom



Berlin

Outra vez velocidade

Só conheço aquela
Correcto
Quem gosta, gosta
Deixe ficar nos quatro e meio
Só passaram dois minutos
Siga vinte e três
Anda à procura de uma coisa para morder
O que é que tinhas dito?
Para formalizar a coisa
Abel vai lá de cabeça
Não abre deste lado
Andei um dia inteiro a
Onde estás?
Aquele da massa fininha
É a meio da semana
Qualidade zero
Encosta ao flanco direito
O árbitro apitou falta
Vou dizer-te adeus
Tão pouco tempo e
Foi horrível!
Muito curto este resultado
É ver quem joga pior?
Já encontraste?
Quase sem jeito nenhum
Agora já dá
Xau, até amanhã
Eu vou a pé.

Certificado de habitabilidade

Deslizando pela superfície
Amanteigada do veludo azul
A liberdade está na construção
Do chão da casa
E não da porta de entrada.
O sol pode não ser brilhante,
Mas quando as janelas são coloridas
O elevador pode chegar aos andares de topo
De fantasmagóricos edifícios em permanente demolição.

Cidadania Plena

Conversação com nativa implica
A opção aberta da introdução
E a interpretação das cartas
Das figuras mais baratas na China
Iguais às disciplinas do Russo.

São admitidos candidatos mediante
Afixação de formulários em fuga
E variantes com múltiplas línguas estrangeiras
Fraccionáveis em função do número
De bilhetes vendidos e de microscópios roubados.

Pedro Bom



Noites Brancas

Pedúnculo

2.

Maldito seja quem inventou os precipícios dos lúzios
 invento
 vento
 quem (sol)idificou a fúria do pedúnculo
 ficou
e bebeu a água quem partiu das cheias de voz (tal)vez
 mítica
 ítica
no mais fundo do corpo incandescente o fruto
(ansi)ando
e a fimbria da pele procura a acácia amarela (d)os
 amantes
 ama
 antes
e tudo em ti jazia na tarde da(s) despedida(s) de Maio
 tempo retalhado re(c)ta
 retalha
 talha
 a
 cru.

In *A anatomia d(um)a flor ou a metamorfose da raiz da língua*
(inédito)

Sépala

6.

retornamos sempre às nascentes
amo(s) (d)a pedra as lascas do cortiço
monema acúleo na feição
fonema sibila(nte) nos dentes
o murmú(rio) de Janeiro
o rio (acon)chega
onde nasce a corrente
ovípara
outra (cor)rente en(raiz)ada
ondula(ção)
onda
como mar(emotos) impossíveis de inventar(iar) o clarão
como (cut)elo transparente
elo
que abriga o botão flora(l) fechando-se em si mesmo
flor
foral do talhão das rosas
foro raso
rasos (esp)aços sitiados
onde se cria a língua(gem)
a língua que ecoa
eco
os milagres
as metamorfoses
a meta
a (lou)cura (d)ele

aimoré
amor
amo
a.

In *A anatomia d(um)a flor ou a metamorfose da raiz da língua*
(inédito)

Sandra Cruz



Angélica

Licinia Regateiro

Para M. F.

a pele	o invisível afina-se
tela	figurantes num inacabado filme
apagada	a memória
a céu aberto	pesadelos esguios
na erosão do caminho	mundo de se comer
o frio	num exorcismo de dentes
por dentro	que te consome
se transfundindo	o Tempo
livrar-me	de cogitações
do código	fechado
litánias como facas	em feridas
que brotam	de silêncio
na tua face	ausente

IV

sobre lo que no puede tocarse con las manos

Vicente Aleixandre

sobre o que não pode tocar-se com as mãos

a destruição do amor na mudez do rosto
latido silenciado nos braços abandonados
a claridade da memória fere
lábios, espadas
em diálogo de sombra
no abismo do retrato sem nome
a história de um coração



Liliana Vasques

TIRAMAVIDA

TIRAMAVIDA

TIRAMAVIDA

TIRAMAVIDA

TIRAMAVIDA

Ao som roufenho das gadanhas de carne o pobre açulava de olores, acercava-se de raiva como se fora cordame de raízes primárias, assolapado até à intriga mesmo que, dizia-se por aí, homem calejado de benevolência. Dilatava, encafuado no desconjuntado catre, nos arrepios do delubro enquanto se persignava com o polegar na testa na boca e no peito. E quando se dava ao agastamento de alma, alteava-se e largava a gamela desguarnecida, e abalava da alcova. Estranhamente levitava a façanha ao altar, a fazer fé que partia cornos e sobrava cerne. E acontecia, porém, que debruava mais e mais ódio, a colear trejeitos brutos, a sentenciar a quem o ouvisse que destinado para encapelado da escuridão, então que fosse para guardião da ampulheta do reino!

no seu breve tempo
deliciara ondas de iniquidade,
vertigem na equação plangor

inocência exígua a afogear

no vasto azul um casco estafado
bulindo sob zêfiros,
petiz exausto a flectir os geolhos
sob calhaus que esmaltam a praia
corpo óbice a desconjuntar seixos.

(dava-se o caso de não ter sido nunca
criança

e tão verde
e tão atormentado

experimentara tudo.)

do bojudo de vidro empalhado
traga desajeitado o vinho tépido.
lá, sob o brilho prateado
o pulsar da massa refulgente,
vertigem na equação plangor
já a sumir no horizonte só a gávea distinta
o lenho flutuante.

Margarida Amorim

um tudo suspenso
um jeito semi-nu
um cheio vago
um odor despido
um abrigo desfeito
um plano cortado
um chão cavado
um mergulho burlesco

**buscando céus novas terras
suspenso do nascer da aurora
ao cair do sol
aguarda o retorno
ao profundo do
silêncio**

a rocha perdura e prende
viva água brota
o espírito expande-se em manto
cobrindo na sua infinitude
o infinito

Margarida Amorim

viva água em água viva
uma fenda
talvez só
suspensa de nada
como se orvalho na madrugada
um jeito semi-nu
ou
de cheio de vagar
como se chuva no seco do corpo
uma árvore despídos os odores

um céu
uma espera
um abrigo
talvez só
aberto
como se um início

Marta Mendes

O quarto dia entende que o roxo é roxo
e torna-se mais roxo.

Mas é tão impossível fazê-lo
que serve à mesa do sacrifício.

Não tenho em conta as normas do mundo.

Duas palavras foram-me caindo aos pés.

It was in 1993.

Sandra Cruz



duas meninas

ARCO-ÍRIS

verdes anos
todas as cores
não conhece William
Wordsworth em potência:
*«My heart leaps up when I behold
A rainbow in the sky:
So was it when my life began;
So is it now I am a man;
So be it when I shall grow old,
Or let me die!»*

pior dp
idade pqê:
de-
com-
po-
si-
são newton
iana
horror
poetas
Keats
or not

arco-da-aliança? tantas
pomposas
espavorosas
alianças

caçoa
noés
cordas
roem
chalaça

arco nada
celeste nada
admirável
mundo novo ilusão
óptica

íris a-fer-
rolhada
anil presa
ilaqueada
como ouvir
mensagens

arco-da-velha
velha alicantina
velha raposia
velha velhacaria

arco-da-chuva
parece não molhar
acédia

Paulo Pego

PEREGRINAÇÃO

carrinha de

apoio aos peregrinos

P
O
R
T
U
G
U
E
S
A
S

P
O
R
T
U
G
U
E
S
E
S

BOA EDUCAÇÃO
SIMPATIA NÃO É
SUBSERVIÊNCIA

FRAGMENTOS DA FRAGMENTADORA GLOBALIZAÇÃO

globalizada passeata sege composta estrada vereda não há pulverizada por hecatonquiros lá da globalização	não paga a célere hermes condutor de mil euristas a quem euristeu nega pão só quimera no ginásio da corrida global na academia da boa forma financeira na passadeira do <i>titio sam</i>
quando giram rodas da sege, do coche signos desordenam estentórea desdoura de desígnios: trabalho falta amor fátuo amizade fácil sim, lábil aziago ascendente carreia azares falta de compatibilidade espartilhos e correntes de toda a ordem my name is Westwood Viviane Westwood	D. João V ordenou hoje desordenados zodíacos descruzados aquarianos chamem zeus messe pequena operários anões bola sabão marseilha perfurada por erguida espada do Dâmocles accionista que aí enxameia bravios zangões e desordem a <i>lady</i> em exercício no mundo venal
lema: suprimir abolir banir extinguir suprimir banir abolir extinguir	precisa-se letreiro ostentando a bold uma existência à venda
mandar alugar vácuo vago vazio	no nada vão sem escada e nenhum perfume

não vale libra

Vingt et un

perdido um	failed zwei
perdido quatro	failed vingt
perdido cinco	failed cinq
perdido seis	failed deux
perdido sete	failed acht
perdido nove	failed elf
perdido onze	failed nothing
perdido fosse	failed zwanzig
perdido nada	zwart dark

Sandra Cruz



escadas

no olmo
aparecem espessas
sâmaras
feridas

descem pelo soluço miudinho
das possibilidades
estampadas nos sapatos molhados
abcessos que arranham esculturas

o sofá da sala
perdeu-se na eira
pela queimadura da noite

foram precisos
três maçaricos para aliviar o eczema das estrelas

e um olmo para chorar

uma rua mais lenta
que o trapo não esfarele

um alveário a motor
que abasteça palácios irascíveis

a casca dos sonos tristes
em garfadas atómicas pelos poros

anjos de siso
a facturar com ascensões múltiplas
em contramão

o cerume atracado aos olhos
a florir em vesículas
desiguais

Aurora

há sempre uma lágrima
que inunda o cais

um murmúrio orfão
que cala os sentidos

um desejo pulsátil
arrefecido nos desertos semânticos

gotículas purpúreas desprendem-se em círculos
da penugem húmida da madrugada,
infiltram-se em todas as paragens,
aderem à pele sonolenta, incrustam-se
aglutinam-se
tecem a máscara da manhã.

a Vida recomeça dentro de momentos

Sandra Cruz



fio de luz

império

o império. império de matéria ao sol e à lua, quando faz o dia e depois a noite. império e o excesso das coisas, as coisas todas, e as multidões a colidir repetindo-se e reproduzindo-se. a fantasia esquivando-se. os afectos fazendo a ligação entre eles que são só e vagueiam, e nunca a ficção desses caminhos como um só. o dia. só depois a realidade e os vidros partidos, os pés nesse caminho nenhum sem dor, a multidão. a noite. a dor outra vez da multidão. gentes quase multidão de pessoas que se misturam depois com o tempo. dele o sigilo. a madrugada. insuficiente a dor no estado original, os primórdios do silêncio inquieto e em forma de grito. a simulação da multidão na madrugada, ávida por se ansiar de uma outra, gente cheia de luz, cabisbaixa no deserto a adiantar-se no instante como objectos a ocupar clandestinamente o tempo, o tempo quase fausto, quase feliz, ou o que não acontece, ou o prodígio do tempo presente. voltam-se as faces e somem-se os corpos misturados com a vaga abstracção do vazio entre eles, a multidão. a manhã. estes e aqueles, entre a revelação da imprevista cumplicidade, a nudez. o silêncio dentro de tudo entre os corpos. o desafio. a missão, todos e o exercício final de uma ode accidental, ou o limite. o entretanto, nem manhã, nem noite, nem madrugada, e todos depois, excluídos. a luz da manhã, as formas misturando-se e o diálogo. a procedência, o princípio aleatório. a dúvida permanente do fundamento. o império.

astronauta

lunar,
aqui de cima, casual da
imaginação, astronauta!
colossal vendaval lunar,
indiferente
às vossas mãos, inteiras,
e os vossos rostos contemplados,
o escuro, pez.
estrelas na densidade, a palavra,
astronauta.
céu e espectro, arquitectura de Éfeso,
astronauta.
labiríntico Caos.
astronauta: soubeste,
então sempre o que fores,
nesse instante de estrelas absoluto.

ensaio sob a chuva

dos dias

interrompe-se a linha de cinza
a água revolta os traçados do soltar
a solda perene nos lumes
do acontecer
 resto

obtusa diferença está na saudação
qualquer risco
gravado na pele
do acontecer
 resto

das noites

sabemos que a memória é inimiga da história
aprende-se a matar com suavidades maiores que
cavidades
essa é a sinuosa ondulação das terminações nervosas
de viver

trata-se do exemplar fenómeno da chacina
para que os vindouros não careçam de loucura

tranquilos os guardiões do verde dado ao fogo
da verdade dada ao gelo
das súplicas das mães por nascer

este peso necessário para o fim dos átomos a arder

do nascente

para fazer o prolongamento da mentira dos animais
o aço não tem cume suficiente
nascemos como pontos que queimam a pele do pó
veios de mágoa que nos trituram a fala

trazer a pele à garganta é mero exercício

do poente

o arpão puxa a pele da garganta
não fala
age pelo travo quente
uma acha que puxa pêlo
ferro
age pelo travo
ferro

Código

Poderia eu falar **s**em dizer
Onde reside a alma, **o** meu Ser
E ao mesmo tempo **n**avegar num vazio de emoções,
Tal o desejo **h**ábil de esconder uma verdade mentirosa
Agarrada à força do **a**bismo infernal de fazer sentido?

Sandra Cruz



integridade

Teresa Fonseca

a partir de *Fernando Pessoa*

desassossego na tabacaria morta de lídias
e na gaveta de todas as cartas há inúmeros gritos
pelos heterónimos em sol escarlate
a escalar-me
a calar-me
todas as cartas das inúmeras máscaras místicas
na gaveta a transbordar
e deus a ser outra vez tão improvável
quanto as naus

tenho uma tabacaria
de deuses improváveis
a transbordar na gaveta
atraco ao cais de máscaras místicas e todas as cartas
me calam
me escalam
à hora do sol escarlate
quando as inúmeras naus gritam em desassossego
por uma qualquer gaveta
de lídias aos molhos
ridículas como cartas
de amor

tenho uma tabacaria
de pessoas improváveis
a transbordar em campos de sol escarlate
reis a calar-me
e as naus agonizam sem saber da cela

tenho uma cela
de reserva na tabacaria

e deuses aos molhos improváveis como náuseas em
desassossego

radical

no topo da radicalidade do teu corpo silêncio
avisto doze bailarinas em *skydiving*
e feito anjo alpinista em montanha assexuada
agarro cada cabelo em *rapel* de corda

suspensa

nego a gravidade do chão
e em *slide* azul sobre dois lagos gelados
OlhOs
olhO-Os
impossível negar o teu corpo equação matemática
vigilante como cão de fila
esmagador como as matilhas nas curvas

mãos

dez pontas da inocência primitiva
por cada uma um puritano que morre
por cada um uma mulher que renasce

mamilos

castas cascatas de cascas de nozes secas
hora da caçação
apanho a corrente rápida da canoagem
o teu xaile branco é vela de barco grande

tu
ficas montanha a arder
eu rio
rio nascido
 que
 corre

Sandra Cruz



mulher pássaro

Sandra Cruz



prisão mágica

Ensaio

Miguel Monteiro de Sena

ensaio sobre *fedro* do platão

desgraça descapitalizada desta com que começamos,
e então: falemos de platão falemos duma certa
demência e que amor sem amor é não forma sem
conteúdo mas blasfêmia. nós somos tão pouco
religiosos, tão tanto místicos

dentro de mim um espírito? dentro de mim, e na
palma da minha mão, e na ponta da minha língua,
e na exteriorização da minha voz, no meu nome que
escrevi, na recordação e na reminiscência, a minha
alma, o meu *daimon* talvez, quem sabe; arranho o
meu nome na pedra e eu estou ali. eu aviso-me a mim
mesmo. nós não precisamos de deuses. se quem vê
a verdade não é a verdade inutilmente certamente. e
por onde agora?

conta-me, ó *daimon*,
as causas infestas que
por tantos anos levaram
à impiedade fecunda e
cura-me pela tua voz,
inverte o rio, corre no
sentido contrário e os peixes
que não sabem falar, esses
serão os meus filhos, os
teus filhos. *those unheard*
e por certo que aplacarei
falando, dizendo *are sweeter*

e contigo a dançar a chuva
não pára, e os discursos
são corpos, e na minha boca
há materialização das conchas
verbalização sem verbalização
vox sine voce, e a alma corre

α

parto daqui. luz no fim do fundo. *still God remained
always the same God and God's real name was*
algo que por agora não digo, algo que vou esperar,
tomo isto, cheira bem não cheira? e agora quando
acabarmos e eu te vir, eu te vir a ti, a curar as
estrelas, e depois, no CAMINHO que não acaba, na
caminhada onde se fala, teremos falado e processar-
se-à em nós um temor sagrado. basta? e isto é
um dom, e ser humano, demasiado humano, é
incompleto, e assim que água glaciado

γ

o que está acima lê-lo-às tu. eu não escrevo para
ti. eu não páro de escrever. eu não tenho nada
para dizer, a ti eu estou a dizê-lo, e por onde
agora? que florestas ouves? que explosão ofensiva e
silenciosamente uma nova idade. esta palavra, esta,
é a fénix. a poesia é a rotunda do mundo. vamos
saindo, vamos, no meio o que há? cuidado, não
apites. são enfeites de natal. há óleo na estrada, há
óleo em selvas negras.

e não será esse discurso beje que te paraliza eu sou
púrpura e vou em direcção a ti. eu sou mensageiro,
sou um anjo que voa até vós; voz de deuses que me
leva, leva-me até cima, eu sou salto, eu tentei saltar,

agarra-me não, agarrei-me às rodas mas queimou-me os dedos, gretou-me a língua, e quando falo é áspero e simplesmente não me lembro de ter começado a falar de ter começado a invocar o verde que a luna não era, e eu quando fui um quadro não falei, e era como se morto, mas depois, sócrates, ouvi-te falar e agora chamam-me louco. ser profeta não é ser messias, ser messias é e apenas gente como você, capitão, obedece cegamente. de quem é este filho? de quem é este texto? eu tenho público. *I am large, I contain multitudes.*

eu não digo o riacho que corre por nós, fedro, e tu não dizes a árvore sob a qual nos sentamos, mas eu digo-te que não digo o riacho e que não dizes a árvore. e agora? por onde agora? por que apoteose nos desvendaremos e por que alienação humana viraremos a *psyche* até aos deuses? talvez por este degrau de biga (não caias!), esta imagem de vida exaltada, vida que não é vida mas divinização caduca, cronómetro que conta. então quando dizes que nunca ninguém cantará o que aqui vê dignamente resignas-te ou tentas subir mais acima 1). 2)?

eu canto mas quando canto de nada serve, eu em baixo canto e de tudo serve, é por essa aproximação *quamvis brevis* que a nossa /vida/ se faz. e depois, à noitinha, resta-nos a *opinidoxa* e lembramos com saudade. nós jogamos com metáforas e enlouquecemos com janelas abertas. e depois olham-nos de soslaio e nós escrevemos de soslaio e quem diria que por segundos somos semelhantes aos deuses? e quem diria que estas batatas brancas que nos prendem são como estes corpos desalados que

nos prendem e nos prendem ao mundo? (concordas mesmo com isto?) quando nos mordem e

os deuses entram em nós, /somos/ deuses, eu quero ser aquele hermes, deus dos caminhos, e eu caminho até

eu vou, eu vou, eu vou ter c'ó meu amor
eu vou e canto esta canção
eu vou, eu vou, e canto-lhe com fervor
esta música d'meu coração

e depois de o ver, há luz e trevas, e o melhor é invocar isso com palavras, uma reviravolta ou peripécia ou marabalismo de aliteração e caos verboso, e talvez dessa maneira apoteose minha e disto? *vigilemus*.

fedro tem razão quando esconde. não se pode mostrar tudo! e fala-se aborrecidamente. a poesia não pode ser repetitiva. a poesia faz-se andando, caminhando, correndo, dando as forças todas e declamando-a nos segundos que restam entre a prova da vida e o momento em que o choque automobilístico poderia parar os *verba*. e será agora. será agora que o amor – não pode ser forma sem conteúdo, não se pode dizer que é um discurso vazio se ou é completo ou é falhado. não pode haver a forma sem o conteúdo. há o amor *sine amore* e há amor mas não se pode falar de poema bem feito com o amor sem amor e a tautologia desse discurso é presente e evidente mas por agora fiquemo-nos.

eu caminho daqui ali
para

e vou descobrindo a verdade.
eu caminho e vou contigo e vou daqui
para ali, ali, ali ali ali
e então,
é pela consciencialização de paraíso, da memória em
mim que me consigo resignar a parar o verso, a calar
a voz, a ressoar dentro do crânio sem materialização.
não é preciso. é impossível.

e quando dizem que na minha cabeça não há
música, na minha cabeça há música. quando ligam
os sensores e os põem a tentar descobrir a melodia
e nada ouvem, na minha cabeça há música. há uma
flauta aqui. o thíasos corre e corta e é por isso que
há flautas e tambores. e é na percursão dos pés e na
percursão das cordas que se faz a a verdade que não
se atinge. eu escrevendo há pûrpura. cor--desafio/
soberba. agamémnon (*sine-arte*) faz: pisa.interioriza-a:
desmoronado pelos deuses. nós (poetas)? também
criamos & (r(e))(ar(t)e) fazemos. *hybristai*. colapsemos.
pisemos a manta a manta mexamos os pés.

pedras e a montra que me leva a abolir a porta. não
vás por aí. por aí nada há. eu sou jorge e tu, dragão
sentado, deixa-me passar! eu sou o poesífero, e
descarnar-te-ei os sonetos com uma lança sem razão
para isso, pára isso!

a areia é o que se atrito, atrito que impele para baixo,
gravidade traidora! o melhor poema é um poema
celeste?

façamos então o relâmpago telúrico, para que num
círculo eterno rodemos em nós mesmos e atinjamos –

o problema é este, tropeçar, cair, fazer-nos “viver”. (eu não concordo com isto.)

o gladiator quer criar *conflikto*, quer impressionar a multidão, luta com perícia e técnica? luta com arma e motivação e palmas, *locuturi vos salutant!* se quer matar mata com pó e areia mas impressiona com giras perícias e ambos sobrevivem, *cunctaturi et cetera!* mas se eu não sei brandir meu gládio para o brandir sem matar morro *ego*.

nós somos profissionais em profissão, nós somos os melhores advogados, do diabo invocamos as técnicas. e se queres a paz prepara-te para a guerra, se queres passar mensagem choca e não comuniqués. mostrar-te-ei a vida numa vala comum. e os deuses que nos ouçam chovam os seus ouvidos pelas árvores, que os deuses nos ouçam a falar e a lutar até à morte falsa, até à vida eterna; quando escreverei fá-lo-ei por isso, nesse nome, *in nomine verborum*

ipsorum,

ipsorum, o problema está essencialmente na ausência de acções e de ideologias. querem os significantes e não os significados. e querem a cobertura e não as coisas, querem a casca e a quitina mas todo o discurso é um organismo vivo.

ambos os falantes quando nasceram são deuses, e poeta *nascitur orator fit* etc. e por enquanto não se fala ainda de catarse colectiva mas sim de catarse pessoal, ou espécie de, talvez um orgasmo cerebral ou motivacional, ou divino, a primazia de deus é porque ousou Fazer; nós também fazemos, e nós treinamos até fazermos não duma forma desgraciosa

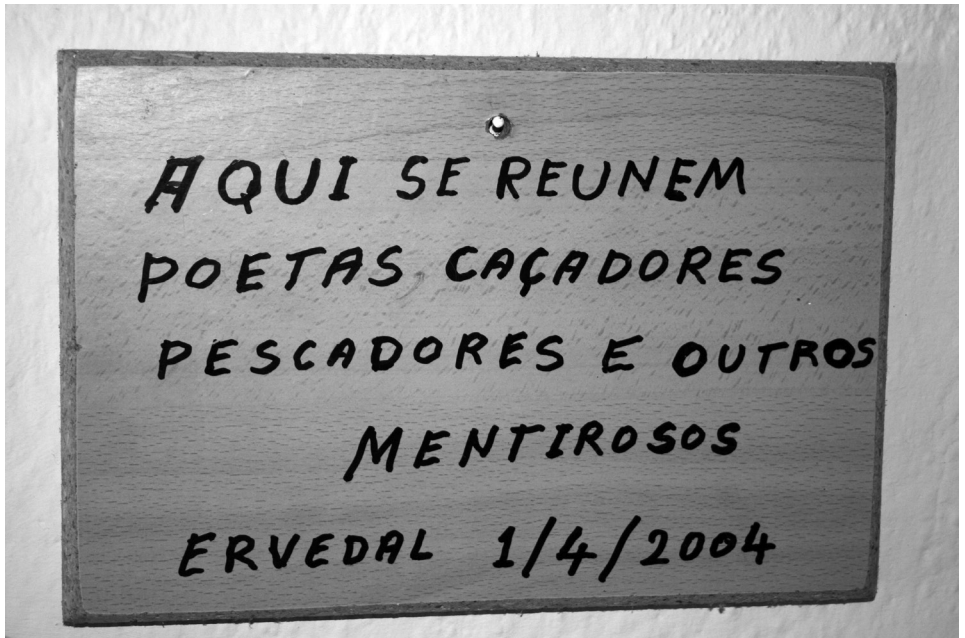
e imperfeita mas sim numa forma que se assemelhe à perfeição, e nós treinamos e quando os poemas se amontoam como cacos e nós nos rimos de nós mesmos pensamos uns com os outros se deus não terá também treinado várias vezes, e se talvez eu tenho um irmão numa outra dimensão, numa outra situação paralela ou num mundo paralelo.

a função do discurso é conduzir almas. até onde? quem conhece a verdade pode portanto escolher levá-las até onde bem entender. conhecer o bem e o mal. e isto é perigoso? contra quem os usa para o mal, só um mal maior.? por que não vêem eles que o método ideal para conseguir (e não conseguir é o insucesso? a história chama heróis aos que vencem, mas e aos que ficam pelo caminho, que a esses?) é a não-verdade, e conseguir mascarar, fingir, pois tu poeta fazes isso, é essencial, mas esse resultado não se o pode adquirir sem muita aplicação. treinar, discursar aos pássaros e à maresia. o melhor está no fogo e na perpetuação suicida das cinzas, as cinzas arderam e fertilizarão, círculo.

esse discurso que plantas à beira-rio, pensas florescer? pensas que as cigarras cantam aos que funeram a voz? assim não há fala, não há ritos de passagem nem há de maneira nenhuma evolução. eu esqueci-me do que disse. eu esqueci-me do que escrevi. mas o que disse flutuou até às nuvens e no ciclo da fala choveu. os gregos diziam “zeus chove”. e caiu sobre os falantes do mundo como línguas de fogo, palavras que queimam, os livros ardem e o fumo evanesce-se. e não fala comigo. eu tusso e expulso o fumo. e apenas os fumadores o aguentam. línguas

de fogo que chovem. falemos e a voz das rochas que quebram com a maior onda presenciada na costa mediterrânea desde 391 *anno domini nostri jesu christi* fala comigo e os estilhaços das rochas que quebram caem sobre nós como línguas de fogo que chovem. e quem não ouve os estilhaços mas apenas o raspar dos pergaminhos fica confuso e confunde a areia da praia com o pó.

quem pensa tem de se esforçar por não trair nem a Vida nem a Verdade e ser leal, e ser leal aos deuses e não aos companheiros de escravidão e muito menos aos que traem a Vida ou a Verdade. e não por recompensa dos senhores mas pelas próprias naturezas servimos. servimo-nos da falsidade como guerrilhas, nós somos sabotadores, contra um mal um mal maior, contra uma oposição um reflexo ou um espelho inexorizável usamos e erguemos para cima, mais para cima, sempre mais para cima, e quando o risco de cair é imenso e quando já não vemos o chão sob os nossos pés, valeu a pena a possível queda, e quando ardermos e ninguém vir a nossa vitória, valeu a pena, seremos loucos aí, nessas núvens de chamas e seremos vivos, e temporariamente eternos e vivos nesse lugar, e falaremos connosco próprios (*I am large*) ou com os deuses? para quem se lança nessa catapulta e ousa *poiên* nesse lugar tudo vale a pena, e é loucamente belo e bom



Índice

Editorial	5
Cristina Babino	9
John Taggart	10
Cristina Babino	31
Maria Granado	51
Ana Morais	57
Darrel Kastin	58
Sandra Cruz	60
Ricardo Agnes	61
Sandra Cruz	64
Rui Tinoco	65
Aires Gomes Fernandes	67
aNa B	69
Ana Morais	74
Ana Cristino	75
Sandra Cruz	76
Ana Filipa Maia	77
Ana Luísa Carvalho	78
Anselmo Simões	79
Sandra Cruz	82
Bruno Santos	83
Bruno B. Soraggi	86
Catarina Costa	88
Conceição Riachos	90
Cristina Néry.....	92
Sandra Cruz	94
Fátima Almeida	95
Francisca Bicho.....	97

Hugo Ferro	99
Pedro Bom	104
João Guimarães	105
Pedro Bom	108
João Rasteiro	109
Sandra Cruz	112
Licinia Regateiro	113
Liliana Vasques	115
Luís Altério	117
Margarida Amorim	119
Marta Mendes	121
Sandra Cruz	122
Paulo Pego	123
Ricarda Melo	127
Sandra Cruz	128
Rita Grácio	129
Rui Bastos	131
Sandra Cruz	132
Sandra GD	133
Sandra Guerreiro	135
Susana Rosa	139
Sandra Cruz	140
Teresa Fonseca	141
Sandra Cruz	145
Miguel Monteiro de Sena	147
Aires Gomes Fernandes	157